

Autonomia por Paulo Freire: uma base para a expressão criadora

Adriana Rodrigues Didier¹

UNIRIO / PPGM

Doutorado

Educação Musical

didier.adriana@gmail.com

Resumo: Minha pesquisa de doutorado vem responder de que maneira o pensamento do pedagogo uruguaio Jesualdo Sosa (1905 – 1982) através da expressão criadora se manifestou no Brasil na década de 70 na Escolinha de Arte do Brasil (EAB) por meio da análise do jornal *Arte&Educação* editado por ela. Paulo Freire surge na pesquisa em função do seu conceito de autonomia que acredito estar intrinsecamente vinculado a expressão criadora. Neste texto trago o recorte da pesquisa que aborda a autonomia por Paulo Freire. A autonomia e a expressão criadora propulsoras de um pensamento. Para isso considero a autonomia como uma palavra chave da expressão criadora, conceito trazido por Jesualdo, pois esse educador uruguaio busca potencializar a criação na criança através da conquista da sua liberdade, da sua expressão e do seu desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: Autonomia; Paulo Freire; Expressão criadora.

Autonomy by Paulo Freire: a basis for creative expression

Abstract: My doctoral research comes to answer how the thinking of the uruguayan pedagogue Jesualdo Sosa (1905 - 1982) through creative expression was manifested in Brazil in the 70s at the Escolinha de Arte do Brasil (EAB) through the analysis of the edited newspaper *Arte & Educação*. Paulo Freire appears in the research due to his concept of autonomy that I believe to be intrinsically linked to creative expression. In this text I bring the excerpt of the research that addresses autonomy by Paulo Freire. Autonomy and creative expression that drive a thought. For this reason, I consider autonomy as a key word of creative expression, a concept brought by Jesualdo, as this Uruguayan educator seeks to enhance child creation through the conquest of his freedom, expression and personal development.

Keywords: Autonomy; Paulo Freire; Creative expression.

1 Autonomia por Paulo Freire

Minha referência é Paulo Freire e pesquiso sua história de vida para entender o porquê desse conceito em sua metodologia, ressaltando a conexão entre sua biografia com sua experiência e prática, e encontro em seu depoimento ele se referir a virtude de ser tolerante, que lhe era demonstrada por seu pai espírita, ao conviver com sua mãe criada na religião católica,

¹ Luciana Requião.

pois apesar de viverem numa cultura profundamente machista: “meu pai nunca impôs suas crenças à minha mãe ou a mim, mas nós discutíamos as ideias de ambos” (Freire; Horton, 2003, p.226). Percebo ser fundamental para que possamos compreender essa sua relação na convivência com o outro na educação. E nos mostra a importância da responsabilidade dos pais em mostrar os limites, guiar e orientar os filhos:

O que é filosoficamente maravilhoso, eu acho, é ver como, aparentemente começando a partir da influência externa, em um determinado momento essa disciplina começa da própria criança, de seu interior. Isso é, essa é a estrada na qual caminhamos, algo que vem de fora se transforma em autonomia, em algo que vem de dentro. Esse é o resultado (FREIRE; HORTON, 2003, p.182).

Na relação com os pais nasce os fundamentos da autonomia, segundo FREIRE:

O que é preciso, fundamentalmente mesmo, é que o filho assuma eticamente, responsabilmente, sua decisão, fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (FREIRE, 2000, p.120).

Em sua 11ª carta escrita para a sobrinha Cristina, Freire (2003) se refere a diferença do tratamento em casa ao momento político autoritário do Brasil:

As experiências democráticas, no seio da minha família, meu passado pessoal, constituíam, na verdade, uma contradição ao autoritarismo em que se assentara a sociedade brasileira (FREIRE, 2003, p.124).

Para Freire ensinar exige liberdade e autoridade, e esta começa em casa, “a gente vai amadurecendo todo dia, ou não” (2000, p.121). As experiências diárias, a coragem dos pais de soltar as amarras dos filhos, todo esse processo lento que se constrói. E nada melhor do que ouvirmos sua voz falando sobre a liberdade:

Gostaria uma vez mais de deixar bem expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela exercite assumindo decisões. Foi isso, pelo menos, o que marcou a minha experiência de filho, de irmão, de aluno, de professor, de marido, de pai e de cidadão (FREIRE, 2000, p.119).

Importante vermos, ao contar ainda na 11ª carta direcionada a sua sobrinha, sua crise ao perceber o que significava trabalhar para o Serviço Social da Indústria, Sesi, em Pernambuco. Primeiro a importância do contato com a classe trabalhadora, depois a percepção do interesse dos patrões, da classe dominante, onde sua tarefa pedagógica “jamais se fizesse problematizante”:

Nada, portanto, que, girando em torno da assistência médica, esportiva, escolar, jurídica, deveria propor aos *assistidos* discussões capazes de desocultar verdades, de desvelar realidades, como o que poderiam os

assistidos ir tornando-se mais críticos na sua compreensão dos fatos (FREIRE, 2003, p.116).

A instituição tendia a recusar e acusar como perigosa e subversiva qualquer prática que resultasse ou que implicasse uma presença democrática, e as “práticas estimuladoras de um saber crítico” foram vistas, com restrições (Freire, 2003, p.117). Freire relata a voz autoritária de um industrial no final de uma reunião:

secamente, sem rodeios, sem meias-palavras, anunciou o cancelamento de sua ajuda e, categórico: ‘Se esses jovens discutem hoje livremente questões de sexo, que farão amanhã em face das questões de justiça social? Quero operários dóceis, não inquietos e indagadores’ (2003, p.117).

Podemos pensar e discutir politicamente a quem interessa a autonomia do outro. Freire insiste “na corporeificação das palavras pelo exemplo” (2000, p.38), muito simples, a fala, a boca está na cabeça, e ao mesmo tempo distante, pois me parece que não fazemos o que falamos:

Que podem pensar alunos sérios de um professor que, há dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e hoje, dizendo que não mudou, faz o discurso pragmático contra os sonhos e pratica a transferência de saber do professor para o aluno?! (FREIRE, 2000, p.38).

E nos mostra a base para a autonomia:

Para mim é impossível ajudar alguém sem ensiná-lo ou ensiná-la algo com o qual eles possam começar a fazer a mesma coisa sozinhos. Esse é meu testemunho de respeito por eles e elas. É uma maneira coerente de ensinar (FREIRE, HORTON, 2003, p.187).

Entendo a base de um processo autônomo a luta pela libertação e a importância da educação nesse processo, busquei na bibliografia de Freire essas referências. Na primeira edição do ensaio *Educação como prática da liberdade* de Freire (1979) de 1967 o cientista político Francisco Weffort que escreve a introdução:

Quando alguém diz que a educação é a afirmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é, quando as toma por sua significação real – se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação (WEFFORT, 1979, p.12).

Assumir suas decisões pode iniciar com a força de ir em busca das suas curiosidades, o que te faz mover. Ao contrário da educação bancária onde o educador “faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (Freire, 1978, p.66) a educação para Freire (1977, p.10) pode levar os

educandos à curiosidade, ao espírito investigador, a criatividade, a imaginação, nos deslocando para outras situações (Freire, 1977, p.10). Que talvez não seja o caminho mais fácil para o educador, mas um ganho enorme ao aluno. Não domesticar, não limitar-lhes o poder de expressão e de criatividade (Freire, 1977, p.14). Autonomia acontece quando nos livramos das amarras principalmente da invasão cultural, pois:

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão (FREIRE, 1978, p.178).

Como uma criança pode experimentar sua voz, criar sua música, se vê e escuta diariamente valorizados na mídia a imitação de um modelo. A criança, ou o adolescente é capaz de modificar sua voz, seu timbre vocal para imitar o que é aplaudido na sociedade. Vários programas tipo “The voice Kids”², ou “Show de talentos” privilegiam as crianças que imitam os adultos, ou seja a cópia, a imitação, a repetição sobrepondo o ato criativo. Para Paulo Freire:

Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como eles, vestir à sua maneira, falar a seu modo (FREIRE, 1978, p.179).

Penso na importância de se valorizar a educação musical que privilegia a criação e não a repetição. Acredito que o pensamento criativo é um dos mais importantes conceitos para trabalharmos na educação musical, pois incentiva a mais genuína expressão espontânea e autêntica do sujeito valorizando também a sua autonomia. A emancipação e autonomia dos sujeitos foi uma luta constante do educador Paulo Freire. O incentivo para participarem e mostrarem suas experiências em sala de aula, na rua, nos projetos e na vida, é fundamental para que suas vozes sejam ouvidas não só na sua região como em toda a América Latina. Entendo também que para que a expressão criadora aflore é necessário que o sujeito se torne autônomo, e para Freire toda a vez que se suprime a liberdade:

o sujeito fica um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhes sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora (FREIRE 1979, p.42).

² *The Voice Kids* é um show de talentos (entre 9 e 18 anos) brasileiro de canto exibido pela Rede Globo que estreou em 2016. O programa é a versão infantil do *The Voice Brasil*, versão brasileira do formato original holandês *The Voice of Holland*, primeiro da franquia *The Voice*, responsável pela criação de várias versões do programa pelo mundo. *The Voice of Holland* tem estrutura baseada no *The X Factor* show de talentos de canto da televisão britânica, substituto do *Pop Idol* programa de televisão britânico do gênero show de talentos. A partir de *Pop Idol* se originou a franquia *Idols* com versões para diversos países.

E se sentindo incapazes de projetos autônomos de vida, “buscam nos transplantes inadequados” a solução para os problemas do seu contexto (Freire, 1979, p.53). Mas quando se tem a consciência crítica dos problemas e das dificuldades:

a posição de autodesvalia, de inferioridade característica da alienação, que amortece o ânimo criador dessas sociedades e as impulsiona sempre às imitações, começa a ser substituída por uma outra, de autoconfiança. E os esquemas e as “receitas” antes simplesmente importados, passam a ser substituídos por projetos, planos, resultantes de estudos sérios e profundos da realidade (FREIRE 1979, p.54).

E dessa forma Freire acredita que a sociedade passa a se conhecer: “renunciando a velha postura de objeto” e assume a de sujeito: “Por isso, a desesperança e o pessimismo anteriores, em torno de seu presente e de seu futuro, bem como também aquele otimismo ingênuo, se substituem por otimismo crítico” (Freire, 1979, p.54).

Pedagogia da autonomia é o título do livro de Freire, talvez um dos mais lidos, mas não sei se realmente compreendido e incorporado. Penso que numa sociedade acostumada a depender do outro, a obedecer o outro por ser mais simples ou por não ter sido estimulado a se tornar independente, compreender e defender a autonomia do outro ou até mesmo a sua própria, não é tarefa fácil:

a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2000, p.121).

Todos os dias lemos e vemos exemplos do desrespeito ao outro e para Freire “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros” (2000, p. 67). Numa sociedade como a nossa que ainda viola, que desrespeita, entendo que o exemplo que temos é o mais desrespeitador possível e por isso a dificuldade em praticar autonomia:

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser (FREIRE, 2000, p.74).

O exemplo da autonomia começa com a família, a sociedade de maneira geral e em seguida com o papel do professor que para Freire é:

contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos (FREIRE, 2000, p.78).

E com certeza para o discente observar seu professor, admirá-lo nos erros e acertos como um simples mortal, seguir seu exemplo, saber que um dia ele também foi discente, são experiências que contribuem muito para a construção da sua autonomia:

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor (FREIRE, 2000, p.100).

Gosto de trazer, de privilegiar os textos que Freire fala na primeira pessoa, se coloca. Freire nos mostra o quanto é importante para que se lembre e se faça uma reflexão crítica de como o professor pensava e agia no seu tempo de aluno, de adolescente. Suas experiências como homem, como gente apoiam suas bases para a pedagogia da autonomia:

Me movo como educador porque, primeiro me movo como gente [...] Posso saber pedagogia, biologia, como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros (FREIRE, 2000, p.106).

Lidar com a autonomia do estudante, do filho, do outro não é uma tarefa fácil, porém Freire fala no respeito a liberdade dos educandos, com a criação da sua autonomia bem como os ensaios de construção da autoridade dos educandos, pois como professor “não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (Freire, 2000, 107). Aceitar as opiniões diferentes dos filhos, dos alunos, do outro, não é uma tarefa fácil, mas é o caminho para a busca da autonomia, que Freire aponta em sua 14ª carta para a sobrinha Cristina:

Como ensinar tolerância e democracia a nossos filhos e filhas, a nossos alunos e alunas se lhes negamos o direito de ser diferentes de nós, se nos recusamos a discutir com eles suas posições, sua leitura de mundo, se não nos tornamos capazes de perceber que o mundo deles lhes faz desafios e exigências que o nosso não poderia ter feito (FREIRE, 2003, p.195)

Para Freire o professor que têm mais dificuldade em assumir seus preconceitos, seu autoritarismo, dificilmente respeitará ou estimulará a curiosidade crítica dos alunos: “dificilmente contribui de maneira deliberada e consciente, para a constituição e a solidez da autonomia do ser educando” (Freire, 2000, p.123). A prática educativa é um exercício constante em favor da produção e do “desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (Freire, 2000, p.164).

Em conversa com Adriano Nogueira, Freire discorre sobre a importância dos intelectuais descobrirem meios pelos quais os grupos e movimentos populares saibam melhor aquilo que já estão sabendo, para que ‘se armem’ através da organização maior do saber. Porém:

há um risco, em seguida. Nós decidirmos por eles aqueles conteúdos que eles devem saber. Ocorre aí que nós impedimos suas (deles) práticas de conhecimento. Roubamos autonomia ao processo deles de saber e aprender. E recebemos conteúdos que serão colocados sobre os corpos deles. Quando isto ocorre estamos reproduzindo a dominação sobre eles. Estaremos impondo nosso método de conhecimento por cima da inteligência deles. E fazemos pacotes (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p.26).

O perigo nesta situação é quando:

o discurso acadêmico soa alto e dominante *sobre* a fala popular, esse discurso congela-se em conceito, congela a inteligência, faz com que esta adormeça no interior de frases feitas. Desaparece a ênfase na luta, entendida como curiosidade interrogadora e crítica da ordem. Permanecerão somente os pacotes de frases feitas (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p.30-31).

Numa sociedade em que ainda se valoriza a memorização, a fixação sem uma preocupação com a criticidade e autonomia do aluno não pode se esperar do aluno uma postura “que leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras”. Tudo ou quase tudo nos levando, à passividade, ao “conhecimento’ memorizado”, que não exigindo de nós elaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de “inautêntica sabedoria” (Freire 1979, p.97). Traz importantes conceitos como a “cultura do silêncio” e “dizer a palavra” um comportamento humano que envolve ação e reflexão:

Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Com tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser (FREIRE, 1977, p.49).

E nesse momento Freire chama atenção para a cultura brasileira ainda “fixada na palavra”, corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa, que, por

sua vez: “estão intimamente ligados a criticidade, nota fundamental da mentalidade democrática” (FREIRE 1979, p.96), e para mim esta é peça chave para a autonomia.

Trago também para essa reflexão a voz do educador latino-americano Francisco Gutiérrez, que foi diretor fundador do Instituto Paulo Freire de São Paulo, com significativo, não só compromisso político, ético e pedagógico, mas também com a emancipação humana e a Educação Popular. Em seu livro “Linguagem total” (Gutiérrez, 1978), ao falar da importância do trabalho em grupo, buscando a autonomia, todos devem ser igualmente responsáveis, as funções cumpridas por todos e onde ninguém tem que se responsabilizar pelos outros. O autor reforça a importância de que “cada membro do grupo deve exercitar constantemente a sua responsabilidade” (p.75). O que não é muito comum vemos essa conduta em sala de aula, pois exige sair da zona de conforto, o que acontece quando alguém se responsabiliza por alguma coisa dentro do grupo, e assim o aluno aprende a autodeterminar-se:

O que interessa como finalidade educativa do trabalho em grupo é o julgamento ou opinião pessoal cada vez mais autônoma. [...] Esta autonomia e autodeterminação é o resultado da segurança do trabalho em grupo. As tensões de cada um do grupo diminuirão na medida em que se sentirem em plena liberdade para expressá-las e manifestá-las. Pelo contrário, serão o obstáculo mais sério para qualquer trabalho educativo caso não possam comunicar-se com plena liberdade e espontaneidade (GUTIÉRREZ, 1978, p.76).

Penso que a expressão criadora é genuína de cada pessoa, e que ela só se desenvolva verdadeiramente se for trabalhada junto com a sua autonomia. Esta pode acontecer quando nos livramos das amarras principalmente da invasão cultural, pois:

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão (FREIRE, 1978, p.178).

Fecho com a citação do, aluno e parceiro de Paulo Freire, Gadotti sobre autonomia e cidadania, base da nossa identidade nacional, base da expressão criadora.

A cidadania e autonomia são hoje duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor em torno das quais há frequentemente consenso. Essas categorias se constituem na base da nossa identidade nacional tão desejada e ainda tão longínqua em função do arraigado individualismo, tanto das nossas elites quanto das fortes corporações emergentes, ambas dependentes do Estado paternalista (GADOTTI, 1998, p.21).

Este texto trouxe o recorte da pesquisa que abordou a autonomia de Paulo Freire, considerando a autonomia como a base desse pensamento que vem do Jesualdo Sosa, pois esse educador uruguaio “Busca na criança potencializar o criador através da conquista da sua

liberdade, da sua expressão e desenvolvimento pessoal” (Azar, 2005, p.13). A importância da autonomia na expressão criadora.

Referências:

AZAR, Salomón. A manera de introduccion: una vivencia. Prefácio. In: TALLER BARRADAS. *Canteras de creacion. De la piedra a la forma: Riachuelo uma escuela transformadora*. Montevideo: Instituto Uruguayo de Educación por el Arte, 2005.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 9^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro coma pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GADOTTI, Moacir. Projeto Político- Pedagógico da Escola Cidadã. In *Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico/ Secretaria de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998. (p.15-23). (Série de Estudos. Educação a Distância, v.5).

GUTIÉRREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 9^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.